La Comédiathèque

Réquiem por um Stradivarius

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: https://comediatheque.net

Réquiem por um Stradivarius

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Clara é uma jovem violinista virtuosa no auge da sua glória, enquanto a carreira de pianista de Leo, um pouco mais velho do que ela, já ficou para trás. Outrora foi o seu Pigmaleão, mas agora é sobretudo o seu acompanhante e o seu agente. Hoje, o casal que formam no palco e na vida atravessa uma crise. Uma discussão irrompe precisamente quando estão prestes a sair para dar um concerto. Para a ocasião, um mecenas aceitou emprestar a Clara um Stradivarius de valor incalculável. Nesse momento, uma dupla de assaltantes irrompe na sua sala para um home-jacking...

Personagens
Leo
Clara
Jason
Kelly

As personagens dos assaltantes são de sexo indiferente,
pelo que as distribuições possíveis são:
2H/2M, 3H/1M, 3M/1H.

© La Comédiathèque

Ato 1

Cena 1

Sala de estar de uma casa burguesa de um casal de músicos artistas. O mobiliário e a decoração sugerem uma atmosfera boémia, tingida de um requinte estudado sob um ar de descontração. Uma mesa baixa está disposta ao centro, diante de um biombo sobre o qual pende um vestido de noite. Um quadro abstrato adorna a parede do fundo. Num canto, um atril com partituras. Clara, trintona, de robe, está ao telefone. Parece um pouco incómoda e esforça-se por ser discreta.

Clara – Não, ainda não tive tempo de lhe falar disso... Sim, eu sei... Digamos que não era o momento certo... Prometo-te, mas tenho um concerto esta noite e já estou horrivelmente atrasada... Sim, uma gala de beneficência organizada pela fundação que nos empresta o Stradivarius. Tenho-lhes essa obrigação... Eu sei... Sim, eu também... Claro, mas agora não posso mesmo falar contigo... Isso, ligo-te depois... Eu também, um beijo...

Guarda o telefone precisamente no momento em que entra na sala Leo, o seu marido. É um homem um pouco mais velho do que ela, de uma elegância sofisticada.

Leo – Estás pronta?

Clara – Como vês...

Leo – Não estamos propriamente com tempo de sobra...

Clara – Pois, era mesmo isso que eu estava a dizer.

Leo – A quem...?

Clara hesita ligeiramente.

Clara – O Tiago. Acabou de me ligar...

Leo – Esse velho Tiago...

Clara – Velho? Ele é mais novo do que eu. E, portanto, muito mais novo do que tu. Acho até que foi teu aluno no conservatório, não?

Leo – Era ironia... Acho que em retórica chamam a isso uma antífrase. Sabes: «Não te odeio»... para dizer amo-te.

Clara – Isso é mais uma litotes, se não me engano...

Leo – Uma litotes...? Tens a certeza?

Clara – Como quando dizes «não estamos propriamente com tempo de sobra» para dizer que estamos espantosamente atrasados...

Leo – E o que é que queria... esse velho Tiago?

Clara – Falar-me de um projeto...

Leo – Um projeto? Que género de projeto?

Clara – Ouve... Temos um concerto dentro de umas horas e eu não estou nada preparada. Falamos disso noutra altura, está bem?

Leo – É teu amante?

Demora um momento a responder.

Clara – Tens uma lata do caraças... Traíste-me uma dezena de vezes, principalmente com as tuas alunas, e ainda te atreves a perguntar-me se tenho um amante?

Leo – Foi antes de nos casarmos... Juridicamente, não se pode falar propriamente de adultério.

Clara – Só estamos casados há dois anos.

Leo – Mas desde então não te voltei a trair.

Clara – Porque já não tens tanto sucesso?

Leo – Estamos a falar do meu poder de sedução... ou da minha carreira de pianista, que pus entre parêntesis para fazer de ti a violinista mais requisitada da sua geração?

Clara – Achas que este é o momento certo para uma cena dessas?

Leo – Então preferes não me responder sobre o Tiago.

Clara – Não posso deixar que digas que sacrificaste a tua carreira para que eu triunfasse, Leo. A tua carreira já tinha ficado para trás quando decidiste tornar-te o meu acompanhante e o meu agente.

Leo – Muito delicado da tua parte lembrar-me disso.

Clara – Todos sabemos que no nosso ofício o sucesso não é eterno. A roda gira. Tiveste o teu momento de glória, agora sou eu. E é bastante insultuoso dizeres-me que devo tudo apenas a ti. Eu também tenho alguma coisa a ver com isso, olha.

Leo – Pois claro...

Clara – Sei muito bem que chegará o dia em que já não estarei na moda, mas por agora quero aproveitar este sucesso para assumir novos desafios.

Leo – Assumir novos desafios... Falas como um avançado do Real Madrid com vontade de uma transferência... De que desafios falas exatamente?

Clara – Consegui quase tudo em Portugal, é verdade. Mas acho que ainda tenho coisas para provar a nível internacional.

Leo – E achas que vai ser com um dos meus antigos alunos que o vais conseguir?

Clara – É jovem. Passou muito tempo nos Estados Unidos. Tem outra maneira de ver as coisas.

Leo – Enquanto eu já sou um velho idiota, que não te serve para nada e que te impede de te tornares numa estrela internacional...

Clara – Eu não disse isso.

Leo – Então, aonde queres chegar? Vá, estou a ouvir-te...

Clara – Faço demasiados concertos, Leo. Só pelos cachês. Já não tenho tempo para trabalhar. Para experimentar. Para refletir sobre o que quero realmente fazer com a minha carreira enquanto ainda tenho o favor da imprensa e do público.

Leo – Esses cachês, graças a eles temos esta casa. Esta vida. Até agora não te tinhas queixado... Queres voltar a tocar no metro?

Clara – Nunca toquei no metro. Mas, porque não? Desde que seja o metro de Nova Iorque ou de Tóquio.

Leo – Estás a brincar, não...?

Clara – Quero ter tempo para explorar outros repertórios, conhecer outras pessoas, experimentar outras colaborações... E sim, porque não tocar nas maiores salas do mundo?

Leo – Ah, sim, isso já está bem longe do metro... E eu que te tomava por uma artista completamente desprendida das contingências materiais...

Clara – Ainda tenho desejos, Leo. Ainda tenho ambições. É crime?

Leo – Não...

Clara – Preciso de viver coisas que ainda não vivi até agora. Para me sentir viva, precisamente...

Leo – Com o Tiago, então.

Clara – Não se resume a isso, e tu sabes bem. Estou cansada, é só isso. Ou melhor, estou um bocado farta. Cansada de tocar sempre as mesmas coisas, nas mesmas salas, diante das mesmas pessoas...

Leo – Com o mesmo parceiro...

Clara – Caímos numa espécie de rotina, Leo. Uma rotina agradável, sim, mas uma rotina, afinal de contas.

Leo – E desde que conheceste o Tiago, aborreces-te tanto comigo...

Clara – Tive insónia esta noite, ouvi na rádio qualquer coisa sobre os buracos negros...

Leo – Buracos negros?

Clara – Dizem que quando alguém se aproxima de um buraco negro, o tempo começa a abrandar.

Leo – Ah, sim?

Clara – Pois, já há algum tempo que tenho a sensação de que para mim o tempo passa cada vez mais devagar...

Leo – E eu que pensava ser a tua Estrela Polar... Então, para ti, tornei-me num buraco negro... Muito encorajador... E o que é que propões? Quero dizer... para nós. Se é que ainda há um "nós", claro...

Clara – Quero abrandar o ritmo, Leo. Recuperar o controlo da minha vida e da minha carreira. Fazer menos concertos, mas concertos mais prestigiados.

Leo – Sim, mas temos compromissos, repara. Para os próximos três anos... E quando se assumem compromissos, é preciso cumpri-los.

Clara – Compromissos...? Referes-te aos que assumiste por mim, queres tu dizer...

Leo – Desculpa... Pensava que o papel de um agente era encontrar compromissos e assinar contratos.

Clara – Sem sequer me consultar?

Leo – Então queres mudar de agente?

Clara – Porque não?

Leo – Graças a mim conseguiste abrir caminho, Clara. Graças aos meus contactos.

Clara – Mas graças a mim tu continuas a trabalhar. Não te devo nada, Leo.

Leo – E tudo isso para me dizeres que tens um amante. Mais novo. Mais divertido. Mais na moda.

Clara – E porque não? Pensas que nenhum outro homem se pode interessar por mim?

Leo – Então admites... É teu amante.

Clara – É um bom amigo.

Leo – Imagino que isso seja um eufemismo...

Clara – Não ouviste um barulho, no jardim?

Leo – Isso é tudo o que conseguiste arranjar para desviar a conversa?

Clara – No entanto tenho a certeza de ter fechado a porta...

Leo – Tens razão, retomaremos esta conversa num momento mais oportuno. Por agora, temos uma gala para cumprir, e ainda temos de passar a buscar o teu violino.

Clara – Sim, a este ritmo nem sequer terei tempo de o tocar um pouco antes do concerto.

Leo – Um Stradivarius é como um Fórmula 1, não se pega no volante assim de repente, saindo de um Ford Fiesta para ir correr as 24 Horas de Portimão...

Clara – É uma corrida de Fórmula 1, as 24 Horas de Portimão?

Leo – Era uma imagem... Decidiste mesmo estragar-me a noite?

Clara – Desculpa...

Leo – Mas tens razão, as 24 Horas de Portimão são uma corrida de resistência, para carros de turismo.

Clara – Como o casamento...

Leo olha para o relógio.

Leo – Se sairmos agora, ainda é possível. Com o Jaguar... E se fosses vestir-te?

Ela prepara-se para passar atrás do biombo.

Cena 2

De repente, um rapaz e uma rapariga encapuzados irrompem pelo meio da sala. A mulher tem uma pistola na mão e aponta-a para eles.

Kelly – De joelhos, mãos ao alto!

Atónitos, Leo e Clara obedecem.

Clara – Mas afinal, o que é que se passa? O que é que vocês querem?

Os dois não se dignam a responder. Em guarda, examinam rapidamente o lugar.

Leo – É um home-jacking, Clara, vês bem...

Clara – Um quê?

Leo – Um assalto em casa! Se queres fazer carreira internacional, vais ter de te pôr a par do inglês.

Jason – Calem a puta da boca! Os telemóveis! Em cima da mesa!

Leo e Clara pousam os telemóveis na mesa baixa. Jason recolhe-os e mete-os no bolso.

Kelly *(a Jason)* – Vai ver se há mais alguém na casa...

Jason sai.

Leo – Não há mais ninguém além de nós. Estávamos prestes a sair...

Clara – Posso ao menos ir vestir-me?

Kelly – Cala a boca, já te disse!

Leo – Está bem, vamos acalmar-nos e falar tranquilamente, de acordo?

Clara – Se começassem por nos dizer o que querem...

Leo – Dinheiro? Aviso-vos já, não temos muito dinheiro vivo em casa. Para além das poucas notas que trago nos bolsos...

Clara – E também não tenho joias valiosas. Nunca ninguém pensou em me oferecer...

Kelly aponta-lhe a arma.

Kelly – Vais mas é calar a puta da boca!

Jason regressa.

Jason – Não vi ninguém. Só um gato preto. Pregou-me um susto... Parecia uma pantera...

Kelly – Uma pantera...?

Jason – Uma panterinha... Eu sei lá, nunca vi uma pantera...

Clara – É a Bagheera. Fazem bem em desconfiar. Pode ser perigosa com gente que não conhece...

Leo – Já mordeu um inspetor das Finanças. Portanto, com uns assaltantes, podem imaginar...

Clara – Se fosse a vocês, ia-me embora já.

Kelly – Foda-se, não lhe queres enfiar qualquer coisa na boca...?

Jason – Qualquer coisa na boca...?

Kelly – Uma mordaça, caralho! Já me está a foder a paciência...

Clara – Aqui já não sei como qualificar esta figura retórica... O que achas tu, Leo?

Leo – Mas como é que querem que vos demos o que pedem se não pedem nada?

Clara – E quando nos disserem o que querem, como é que querem que vos respondamos se nos amordaçarem...?

Jason olha para o ecrã do telemóvel.

Leo – Pelos vistos, estão à espera de instruções...

Clara – Podemos ao menos sentar-nos? Estou a ficar com uma cãibra...

Kelly – Está bem, sentem-se...

Leo e Clara sentam-se. Jason tecla no telemóvel.

Kelly – E então?

Jason – Está bem, cá vamos nós...

Jason e Kelly examinam de novo o lugar, como se procurassem algo.

Leo – Não temos cofre, se é isso que procuram.

Clara – Mas tudo o que temos, estamos dispostos a dar-vos.

Leo – Gostam de pintura? (*Apontando o quadro*) É a obra de uma jovem artista venezuelana. Tenho a certeza de que daqui a trinta ou quarenta anos terá muito valor...

Clara – Nunca gostei desse quadro. Juro-vos, quase me fariam um favor se o levassem.

Leo – Desde que se vão embora...

Clara – Temos um concerto dentro de duas horas. Já devíamos estar a caminho...

Leo – Somos apenas músicos, sabem? Não novos milionários da criptomoeda...

Clara – A criptomoeda? Nem sequer sei o que é...

Kelly – Não se cansem, não viemos procurar o vosso dinheiro em numerário.

Leo – Ah, não...? Então o que é que querem?

Jason – O violino, onde está?

Clara – O violino? O meu violino?

Leo – Vieram roubar um violino?

Clara – Mas se o meu violino só tem valor sentimental! No OLX não tirariam mais de 1.000 euros.

Leo – 1.200 talvez, se disserem que pertenceu à famosa violinista Clara Mariani.

Clara – Mais valia assaltar a lojinha da esquina, tenho a certeza de que há mais dinheiro na caixa.

Kelly volta a apontar a arma a Leo.

Kelly – O violino, caralho! Tu, vai buscá-lo!

Clara – Mas o que é que querem fazer com o meu violino?

Leo – São fãs da Clara, não é?

Clara – Se é só isso, assino-vos um autógrafo num dos meus discos e fica o assunto resolvido. Como se chamam?

Leo – Querem dois bilhetes para o nosso concerto de hoje à noite? Mas aviso já que há dress code. Pelo menos vão ter de tirar os capuzes...

Os dois nem sequer respondem.

Kelly – Viste algum violino quando revistaste a casa?

Jason – Vi um piano... Um piano de cauda preto. O gato dormia em cima. Como também era preto, não o tinha visto. Quando me aproximei, começou a rosnar...

Kelly – A rosnar? Um gato?

Leo – É o gato que toma conta do meu piano. Se quiserem roubar o piano, vão ter de se enfrentar com a Bagheera.

Clara – E sobretudo vão precisar de uns carregadores de pianos.

Leo – Porque não é por nada, mas não têm propriamente a compleição adequada.

Clara – É um piano de cauda. Como o gato...

Leo – O gato...?

Clara – O rabo do gato...

Leo – Ah, sim, não tinha percebido.

Clara – Bem, e agora...?

Jason consulta o ecrã do telemóvel, visivelmente à espera de instruções.

Leo – Ou então decidiram formar um duo, como nós.

Clara – Um duo cómico, então...

Leo – Falta-lhes um violino, não têm dinheiro para comprar um, por isso vieram assaltar o teu.

Clara – Eu também faço obras de caridade, sabiam...? Se a música é uma paixão tão grande para vocês, estou disposta a oferecer-vos um violino de estudo... E se estiverem tão motivados, até vos podia dar algumas aulas. De graça, claro...

Leo – Deixa, Clara... Acho que estes jovens não vieram por amor à música.

Kelly – Acham que somos demasiado estúpidos para tocar um instrumento, é isso?

Clara – De modo nenhum!

Jason – Eu toco um pouco de guitarra, repara. E com a Kelly temos um grupo.

Kelly – Claro, não te prendas, dá-lhes o meu nome... Não queres também dar-lhes a minha morada...?

Jason – Disse-o sem pensar... (*aos outros dois*) Mas é só um pseudónimo...

Clara – Não se preocupem, não ouvimos nada...

Leo – Vá lá, baixa a arma, e conversamos tranquilamente.

Clara – Já que, ao que parece, todos somos artistas...

Jason *(falando do capuz)* – Foda-se, custa-me respirar aqui dentro...

Leo – Porque, sinceramente, no que diz respeito ao grande banditismo...

Clara – O vosso número ainda não parece estar bem afinado.

O telemóvel de Jason toca.

Jason – Sim...?

Sai para a divisão ao lado para atender. A mulher mantém-nos sob a mira da arma.

Clara – Posso aproveitar para me vestir?

Kelly – Não sais daqui ou levas uma...

Clara – Está mesmo atrás do biombo!

Kelly hesita um instante.

Kelly – Está bem, anda lá...

Clara muda-se atrás do biombo. Jason regressa. Tirou o capuz para atender o telefone e esqueceu-se de o voltar a pôr.

Kelly – O capuz, caralho, Jason...!

Jason – Foda-se...! Estava com calor. Esqueci-me de o voltar a pôr...

Então ela também tira o capuz.

Kelly – Já que viram a tua cara, então que vejam também a minha. Não vou ser a única a asfixiar-me aqui por baixo.

Clara sai de trás do biombo. Veste um magnífico vestido de noite que a realça. Jason fica atónito, de boca aberta.

Kelly – Estás bem, Jason?

Jason – O quê...?

Kelly – Estás a babar-te, pá...

Clara – Já vos disse, tenho um concerto esta noite...

Jason – Sim, mas agora que viram as nossas caras, vamos ter de nos livrar dos dois...

Kelly – Além disso, tu também lhes disseste o meu nome.

Jason – E tu também lhes disseste o meu, só para que fique registado...

Leo e Clara interrogam-se se falam a sério ou não.

Leo – Não vão cometer um homicídio por causa de um simples violino!

Kelly – Não é o teu violino que nos interessa, idiota.

Jason – É o Stratovarius.

Clara – O quê?

Leo – Acho que misturou Stratocaster com Stradivarius.

Clara – Stratocaster...? O que é isso?

Leo – Enfim, Clara... É o Stradivarius da guitarra elétrica!

Clara – Vieram por causa do Stradivarius?

Leo *(incrédulo)* – Então sabem o que é um Stradivarius...?

Kelly – Sabemos que custa uma pipa de massa, isso chega-nos.

Clara – Mas esse instrumento não é nosso! A sério acham que temos para comprar um Stradivarius?

Leo – E, além disso, não está aqui.

Jason – Ah não?

Clara – Está na casa do mecenas a quem pertence.

Kelly – Sabemos disso.

Jason – Também sabemos que tinham de o ir buscar às 15:00 para ensaiar antes do concerto.

Kelly – São 18:00. O violino tem de lá estar.

Jason – Vão dar-no simpaticamente, vamos com ele embora e corre tudo bem...

Leo – Parece que têm boa informação.

Clara – Com uma ressalva. O violino não está aqui.

Jason – Aviso-vos: não se riam...

Clara – Mas se nós vos dissermos que...!

Leo interrompe-a.

Leo – Deixa lá, Clara... Está bem, daremos o Stradivarius.

Clara parece surpreendida. O telemóvel de Jason toca.

Jason – Sim...?

Sai para atender.

Kelly – Vocês dois, não se mexam, está bem?

Jason volta um instante.

Jason – Podes vir um segundo?

Kelly – Vigio-vos daqui; se um se levanta, eu abato-o.

Sai com Jason.

Leo – Nunca viram um Stradivarius. Podias dar-lhes o teu violino, eles não iam notar a diferença...

Clara – O quê?

Leo – Se queremos que se vão, temos de lhes dar qualquer coisa.

Clara – O meu violino?

Leo – Não é um Stradivarius! Tu própria disseste, não tem valor comercial...

Clara – Sim, mas tem um valor sentimental para mim, foi-me oferecido pelo meu pai para o meu primeiro concerto.

Leo – Não nos vamos matar por causa de um simples violino!

Clara – É um presente do meu pai, digo-te! É uma questão de princípios...

Leo – Princípios? Vamos, Clara, sê razoável! Não nos vão matar porque não resolveste o teu complexo de Édipo com o teu pai.

Jason e Kelly regressam. Kelly aponta para Leo.

Kelly *(a Clara)* – Está bem, já perdemos tempo suficiente. Agora dás-me o teu puto Stradivarius ou eu mato-o.

Clara hesita um instante.

Leo – Clara...?

Clara – Está bem, vou buscá-lo...

Ela sai.

Jason – Vês? No fim de contas, ela gosta mais de ti do que do teu puto violino.

Leo – Conto: vocês dois, desde que chegaram, disseram puta umas dez vezes. Imagino que para vocês seja quase um sinal de pontuação.

Kelly – Cala a puta da boca!

Leo – Ah, isso também o dizem muito... Não facilita a conversa, se me permitem dizer...

Clara volta com o seu violino e entrega-o a Jason.

Clara – Aqui está, satisfeitos?

Leo – Agora podem ir embora, não é? Prometo que não daremos a vossa descrição à polícia. Além disso, eu não tenho memória para caras.

Clara – Eu também não. Já se sabe, na nossa profissão conhecemos muita gente. Se tivéssemos de nos lembrar de toda a gente...

Leo – Da última vez encontrei a minha mãe num funeral. Não a reconheci. E, no entanto, era mesmo ela...

Kelly examina o violino.

Kelly – Não tão depressa... Será mesmo um Stradivarius?

Jason examina o violino.

Jason – Não vem marcado...

Leo – Não, de facto, os Stradivarius nunca vêm assinados. Qualquer um vos dirá...

Kelly – Então como se reconhecem?

Clara – Autentificar um Stradivarius genuíno é trabalho para peritos. Há que examinar a madeira, o verniz, o desenho do instrumento...

Leo – A forma das aberturas, sobretudo.

Jason – As aberturas...?

Clara – As aberturas na parte dianteira do instrumento! Chamam-se «efes». Permitem que o violino respire. Como as brânquias de um peixe.

Leo – Consoante a forma das efes, o som adquire uma cor distinta.

Jason – Porque é que os sons têm cor agora...?

Clara – Sim... Isso chama-se sinestesia... Baudelaire, conhecem? *As Flores do Mal*...

Leo – «Amplo como a noite e como a luz, os perfumes, as cores e os sons correspondem entre si»...

Kelly – E isso vale vários milhões, isso?

Jason – Nem sequer é novo...

Clara – Os Stradivarius têm um valor incalculável. Restam menos de 700 no mundo.

Leo – E normalmente não estão à venda. Isso também explica o preço...

Jason – Vamos verificar...

Jason fotografa o violino com o telemóvel e envia a foto.

Kelly – Se nos a colarem, vão pagar por isso...

Esperam a resposta. Momento de tensão.

Leo – Deduzo que o vosso contratante seja entendido no assunto...

O rosto de Jason fica gelado ao olhar a resposta que aparece no ecrã do seu telemóvel.

Jason – Estão a rir-se de nós, caralho… Não é um Stradivarius. É só um puto violino.

Kelly volta a apontar-lhes com a arma.

Kelly – Avisei-vos!

Leo – Está bem, não é um Stradivarius.

Jason – Então vai buscá-lo agora mesmo, cabrão, ou levo-te com um tiro!

Clara – Dizemos-vos que não está aqui, mas não querem acreditar em nós.

Leo – É verdade, tínhamos de o ir buscar por volta das três, mas mudámos de planos.

Kelly – Continua a mentir!

Clara – Juro que não.

Jason – Se não está, então onde está?

Clara – Repito: está na casa do mecenas que nos o empresta excepcionalmente para esta gala de beneficência.

Leo – Estávamos muito atrasados. Pensámos ir buscá-lo e seguir diretamente para o concerto.

Kelly volta-se para Jason.

Kelly – Revista a casa.

Jason sai.

Clara – Não vão encontrar nada.

Leo – É melhor não vos entreterem. Acabarão por se preocupar se não aparecermos. A polícia pode cair a qualquer momento.

Clara – Tenho a certeza de que os nossos telemóveis não param de tocar.

Kelly – Cala a puta da boca, não preciso dos vossos conselhos. Continuam a tentar envolver-nos.

Leo – Para quem trabalham, afinal? Imagino que a ideia de roubar um Stradivarius não tenha sido vossa...

Kelly – Achas que somos demasiado estúpidos para isso?

Leo – Os estúpidos, sabes... Tentam tudo... É até por isso que os reconheces.

Clara – Sabiam que dois patifes chegaram a raptar o Charlie Chaplin dois meses depois da sua morte para pedir resgate à família?

Jason volta.

Jason – Não há mais nenhum violino aqui.

Leo – Vês? Dizemos-vos a verdade.

Jason – E agora o que fazemos?

Kelly – Não sei. Disseram-nos que ia estar aqui...

Jason – Então vamos embora, que se lixe...

Mas Kelly não parece disposta a partir.

Kelly – Onde caralhos está esse maldito violino, exactamente?

Clara – Exactamente? Está numa caixa-forte, na casa do milionário que nos o empresta. Mas acreditem, numa propriedade dessas não se entra assim como assim. Há câmaras em toda a parte. Guardas de segurança...

Jason – E tinham de o ir buscar antes de irem para o concerto?

Leo – Sim.

Kelly *(a Jason)* – Então que ele é que vá buscá-lo!

Jason – Achas mesmo?

Kelly – Que dizem?

Jason olha para o ecrã do telemóvel.

Jason – Ainda não há resposta... Devem não saber o que fazer... Como nós...

Kelly – Havemos de improvisar.

Jason – Matamo-los e vamos embora.

Clara – Se nos matarem, nunca terão o violino!

Kelly – Ele irá busca-lo, e ela ficará aqui.

Leo – Mas esperam os dois por nós! Se a Clara não vier comigo, nunca me dão o violino.

Jason – És um bocas, vais arranjar qualquer coisa para os despistar.

Kelly – Vais buscar o violino. Em vez de ires para a sala de concertos, voltas aqui. E nós libertamo-vos.

Jason – Se não, aviso: se voltares e trouxeres a polícia, matamo-a.

Kelly – Não temos nada a perder. E preferimos morrer a ir para a prisão.

Leo – Está bem... De acordo...

Clara – Tens a certeza...?

Leo – Não temos escolha, pois não...?

Jason – Vá lá, então, caralho!

Leo sai.

Kelly – Bem... O que fazemos entretanto?

Clara – Querem que eu ponha um pouco de música?

Kelly – Eu trato disso...

Jason – Há alguma coisa para beber por aí?

Escuro.

Ato 2

Cena 1

Regresso progressivo da luz. Música estilo punk que se vai atenuando. Clara está sentada numa cadeira. Jason e Kelly passam uma garrafa de uísque, bebendo à vez pelo gargalo.

Jason – Nós também fazemos música, sabias? Temos uma banda.

Clara – Ah, sim...? Que bom...

Jason – Chamamo-nos *Los Rebeldes*.

Kelly – E agora ainda lhes vais largar o caralho do nome da nossa banda.

Jason – De qualquer forma, ninguém nos conhece...

Clara – Que instrumento tocam?

Jason – A guitarra.

Kelly – A bateria...

Jason – Com essa massa podíamos comprar instrumentos...

Kelly – Não um Stradivarius, mas...

Jason – Uma Stratocaster.

Clara – Já vejo... Então esse tema que puseram, gravaram-no vocês?

Kelly – E então? Que te parece?

Clara – Ah, sim, está... E isto gravaram-no com a vossa banda?

Jason – Sim... e a Kelly canta...

Kelly – Não é música de câmara, mas...

Clara – Sim... Se percebi bem, vocês são mais Kaláshnikov do que Rachmaninov...

Jason – Mexe, não é?

Clara – Não percebi bem: está em si bemol menor ou em ré bemol maior...?

Jason – Então não gostaste...

Clara – Sim, sim, está... É muito enérgico... Muito refrescante... Isto... Isto muda de Chopin ou Debussy, sem dúvida... Aproxima-se mais da... música serial, não? Por esse lado repetitivo, quero dizer... Conhecem o Schoenberg?

Kelly – Que horas são agora?

Jason – Sete e meia.

Kelly – Espero, para teu bem, que ele volte.

Clara – Vai voltar, asseguro-vos... Importo-lhe demasiado...

Jason – Que bonito, o amor...

Kelly – Que não pode viver sem ti, é isso?

Clara – Sim... E sobretudo... eu sou o seu sustento.

Jason – Como?

Clara – Às vezes tenho a sensação de ser um macaco amestrado que exibem nas feiras por dinheiro.

Kelly – Um bocado como uma puta, vá... No fundo ele é o teu chulo, não?

Clara – É o meu agente... Mas é verdade que no fim acaba por ser quase o mesmo...

Jason – Nesse caso, vai voltar...

Kelly – A menos que faça o solo e prefira salvar a pele dele.

Silêncio.

Clara – Além disso... estávamos a meio de uma discussão quando vocês irromperam.

Kelly – Ah, sim? Sobre o quê?

Clara – Suspeita que tenho um amante...

Jason – E...?

Clara – E o quê?

Jason – Tens um amante?

Clara – Vá lá, isso não vos interessa!

Jason – Pergunto-me se fizemos bem em deixá-lo ir...

Kelly – Em breve vais saber até que ponto ele gosta de ti.

O telemóvel de Jason toca. Ele atende.

Jason – Sim...? Não, tivemos um pequeno contratempo...

Sai para acabar a conversa.

Clara – Então é um trabalho encomendado, não é?

Kelly – Cala a puta da boca...

Clara – Podemos falar, não?

Kelly – Vais dizer-me que queres ajudar-nos, não é?

Clara – Porque não?

Kelly – Não vivemos no mesmo mundo, tu e eu. Gente como vocês, está-se bem a cagar para gente como nós.

Clara – Este concerto que tenho de dar esta noite é para uma gala de beneficência, sabiam…?

Kelly – Ah, sim…? Dizem que a caridade bem compreendida começa por nós mesmos. Pois nós decidimos servir-nos, percebes? Em vez de pedir na rua.

Clara – Antes de me tornar famosa, eu também toquei no metro… Não há vergonha em pedir. Mas em troca eu oferecia algo. A minha música. Eu também detesto os pobres que só estendem a mão. Todos temos algo para oferecer aos outros. Mesmo que seja um sorriso. Duas palavras de uma canção. Mesmo quando cantamos mal…

Kelly – Achas que eu canto mal?

Clara – De modo nenhum! *(Um momento)* Bem, um bocadinho sim, há que dizê-lo… Mas afinar a voz também se aprende, sabes?

Kelly – E tu, vais-nos cantar uma canção de embalar?

Clara – Posso tocar-vos uma das peças que vou interpretar esta noite na gala de beneficência…

Kelly – Claro… Como esse flautista que encantava as ratazanas para as afogar no rio…?

Clara – Na realidade era um flautista.

Kelly – Já não acreditamos nas vossas mentirinhas. Essas palavrinhas bonitas só servem para nos adormecer no caminho para o matadouro.

Clara – Não estão totalmente enganadas. A educação das massas na cultura burguesa é também uma forma de demagogia… Fazer crer que os jovens dos subúrbios toquem música clássica é negar-lhes o direito de inventar a sua própria cultura. Afinal, não foi o jazz inventado pelos escravos que trabalhavam nas plantações?

Kelly parece atónita com o que Clara acabou de dizer, mas Jason regressa.

Kelly – E então?

Jason – Dizem que devíamos tê-lo deixado ir…

Clara – Foi isso que eu vos disse.

Kelly – Agora já é tarde demais para recuar.

Jason – Há quanto tempo é que ele saiu?

Kelly – Cerca de uma hora, mais ou menos…

Jason – Começa a cheirar mal… Até quando vamos esperar assim?

Kelly – Não sei…

Jason – Têm razão, a polícia pode cair aqui a qualquer momento.

Kelly – Se em quinze minutos não aparecer, logo vemos.

Clara – Quanto é que vão sacar com este assalto de vários milhões? Uns milhares de euros? E são vocês que assumem todos os riscos.

Jason – Queres que lhe meta qualquer coisa na boca?

Kelly não responde.

Clara – Um violino assim é localizável, sabiam? Não o vão vender no mercado das pulgas. Quem encomendou isto não tardará a ser encontrado, e serão vocês a pagar a conta… Roubo com violência, sabem quanto pode custar isso…?

Kelly – Não temos outra opção. Nós não nascemos em berço de ouro.

Clara – Eu nasci em Amadora.

Jason – Mesmo em Amadora há ricos fedorentos.

Clara – Parece que ao vosso contratante não lhe agradou esta improvisação. Se a situação fugir do controlo e houver mortos, ele vai tentar desresponsabilizar-se dizendo que apenas mandou assaltar, não sequestrar com violência.

Jason – Ela nunca se vai calar, pois não?

Clara – E se um dia o apanham, terá o melhor advogado. Vocês é que terão um advogado nomeado… Cai-vos a pena máxima. Quem é que está por trás disto?

Kelly – Mesmo que quisesse dizer-vos, não poderia.

Jason – Só temos um número de telefone.

Clara – Vocês também são vítimas. Manipulam-vos… Chamam-se Jason e Kelly, não é?

Kelly – Pois, e o que queres? Desde que nasceste há quem se chame Jason ou Kelly, e outros que se chamam Leo e Clara. Nem todos arrancam a vida com as mesmas oportunidades.

Jason *(irónico)* – Disseram-nos que és uma estrela. Podíamos abrir o teu concerto…

Clara – Porque não…? Em todo o caso, podia apresentar-vos ao meu produtor. Ele também produz música moderna, sabiam? Podia recomendar-vos a alguém mais especializado.

Kelly – Sim, claro, vais-nos transformar em estrelas, tal como tu…

Jason – Entretanto, precisamos de pasta. E já.

Clara – Já vos disse: posso dar-vos mais dinheiro do que o vosso chefe.

Kelly – Não precisamos de rodeios, não somos idiotas.

Jason – Fazem galas de beneficência, mas estão-se cagando para os pobres

Clara – Não sou tão rica como imaginam.

Kelly – É que vocês perderam noção do que é ser realmente pobre. Já viram a casa onde vivem?

Clara – Tenho a certeza de que têm razão...

Jason – Assim que sairmos daqui, irão à polícia dar a nossa descrição.

Clara – Nem sequer será necessário. Não têm luvas. Deixaram as vossas impressões por toda a parte.

Kelly – Limpamo-la antes de irmos. E quanto à queixa, pois...

Jason – Ainda podemos matar-vos.

Clara – Não vão cometer um homicídio por uns milhares de euros. Ou então será o vosso próprio mandante a denunciar-vos para não se ver envolvido nesse homicídio!

Kelly e Jason parecem hesitar.

Jason – É verdade que ele também não se importa connosco. Tem razão. Ele vai enriquecer e, se alguém for preso, seremos nós.

Kelly – Não te deixes enredar...

Clara – Posso pôr um pouco de música? Desta vez escolho eu...

Eles não respondem. Ela põe música. Os três ouvem.

Kelly – És tu?

Clara – Sim... Uma gravação com o Leo no Teatro Nacional. Com o Stradivarius, precisamente...

Kelly e Jason parecem impressionados.

Jason – Fico fascinado, e tu?

Kelly – Sim...

Clara – Lamentavelmente, será a última vez que se ouvirá esse instrumento mítico numa sala de concertos...

Kelly – Outra vez a tentar comover-nos?

Clara – Quem ficar com ele não o tirará nunca de casa. O violino seria identificado e o ladrão detido. E vocês também...

Jason *(a Kelly)* – Não dá um mau pressentimento, não?

Kelly – Não lhe ligues, digo-te... Mente ainda melhor do que toca o violino...

Cena 2

Leo volta com um estojo de violino. Clara corta a música.

Jason – Demoraste um maldito século...

Leo – Tive de explicar por que a Clara não vinha comigo... Mas ainda assim consegui recuperar o violino.

Kelly pega no estojo do violino.

Kelly – Espero, para vosso bem, que desta vez seja o verdadeiro...

Abre o estojo. Clara inclina-se sobre o violino.

Clara – Sim, é o Stradivarius...

Jason – Vamos verificar.

Jason tira o violino do estojo.

Clara – Tenham cuidado ao manuseá-lo. É um instrumento único e muito frágil.

Jason fotografa o violino com o telemóvel e envia a foto. Kelly pega o violino nas mãos.

Kelly – Como é que uma coisa dessas pode valer milhões? Nem sequer é novo...

Clara – São instrumentos absolutamente excecionais. Restam muito poucos e é extremamente raro que um seja posto à venda.

Kelly – Mas quanto é que se vende exactamente?

Clara – Na última década, vários venderam-se entre 10 e 20 milhões.

Jason – 20 milhões...

Leo – Também acontece que sejam roubados. Mas cedo ou tarde acabam por ser encontrados.

Jason volta a tomar o Stradivarius e rasga as cordas como se fosse uma guitarra. Saem sons atrozes.

Jason – Tem um som de merda, não tem?

Leo está furioso.

Leo – Este violino tem mais de 300 anos! Só os maiores virtuosos têm o privilégio de o tocar. Merece o vosso respeito, banda de idiotas!

Momento de tensão. Jason volta a apontar a arma a Leo. Mas chega a resposta ao telemóvel de Jason, que lê a mensagem.

Jason – Desta vez sim, é o Stradivarius.

Kelly – Pois está, vamos embora.

Jason – E o que fazemos com eles?

Kelly parece hesitar.

Kelly – Dão-nos a vossa palavra de que não vão dar a nossa descrição à polícia?

Clara – Direi que traziam capuzes.

Jason – E as impressões digitais?

Kelly – De qualquer forma não estamos identificados.

Leo – Ainda não...

Kelly *(a Clara)* – Confio em ti. Mas este tipo...?

Leo parece algo surpreendido.

Clara – Ele fará o que eu lhe disser, acreditem.

Jason – Se nos denunciarem, juro que voltamos e acabamos o trabalho... Não temos nada a perder, sabem?

Kelly – De qualquer forma, a vocês pouco importa. Esse violino não é vosso. Paga-o o seguro.

Jason tenta voltar a meter o violino no estojo, mas este escapa-lhe das mãos e cai no chão. Clara fica furiosa.

Clara – Não, mas que parvo!

Jason – Antes propunhas que fossemos a banda-abertura do teu próximo concerto, e agora voltamos a ser uns parvos...

Kelly examina o violino.

Kelly – De qualquer modo, cuidado. Se o violino estiver partido, não nos vão pagar.

Jason pousa a pistola sobre a mesa. Examina o violino para ver se está danificado. Aproveitando o momento de confusão, Leo recupera a arma e aponta-a aos assaltantes.

Leo – Mãos ao alto!

Kelly e Jason obedecem.

Jason – Tem cuidado, eh? Tens a certeza que sabes usar uma pistola...?

Kelly *(com ar desafiante)* – O que é que vais fazer? Matar-nos?

Leo – Porque não? Não seria grande perda para a Humanidade! E ninguém objectaria, acreditem.

Clara – Alegaremos legítima defesa.

Leo – Ainda por cima pareceremos heróis...

Jason – Sim... Mas vocês são bons católicos, talvez até de esquerda...

Clara – Cuidado com os católicos. As Cruzadas e a Inquisição são coisas vossas.

Leo – E quanto às pessoas de esquerda, também há o Estaline e o Pol Pot, sabiam?

Kelly – De qualquer forma, são balas de festim.

Clara – Ah, sim?

Kelly – Não íamos arriscar matar alguém por um maldito violino.

Leo – Balas de festim, a sério? Então por que é que quando vos aponto levantam os braços?

Jason – Não sei... Um reflexo...

Leo – Estão a mentir.

Jason parece desconfortável.

Kelly – São balas de festim, não são?

Jason – Pois, acho que sim...

Kelly – Achas?

Clara – Estão a mentir.

Leo – Como é que se sabe?

Kelly – Dispara.

Jason avança. Ouve-se o disparo. Ele fica ferido.

Leo – Merda, desculpa. O disparo saiu sozinho...

Kelly – Não eram de festim?

Jason – O tipo que me as vendeu tinha só três de festim. As outras são a sério... Já não sei em que ordem as pus no carregador...

Clara – Desta vez há que chamar a polícia.

Kelly – Não façam isso!

Clara – Ou pelo menos uma ambulância.

Jason – Fiquem com o violino, mas deixem-nos ir. Por favor...

Leo – Mas ele está ferido, há que tratá-lo... Se morrer, eu sou o responsável...

Clara examina a ferida.

Clara – Não é tão grave. A bala só lhe raspou. É só um arranhão...

Leo – Sim, mas mesmo assim foi um assalto...

Clara – Entregar estes dois idiotas à polícia... Isso não vai connosco, Leo. A mim, de certeza que não. Vão mandá-los logo para a prisão.

Leo – Pois, é aí que devem estar, Clara! Na prisão!

Ele pega no telemóvel.

Clara – Se ligares à polícia, entre nós acabou-se.

Leo hesita e pousa o telemóvel.

Leo – Bem... como quiseres...

Clara – Acho que aprenderam a lição...

Leo – Estás muito optimista...

Clara – É o vosso primeiro assalto, suponho. Damos-vos uma oportunidade de voltar ao bom caminho...

Kelly – OK...

Clara – E obrigado, já sabem...?

Jason – Obrigado, senhora...

Leo – É melhor fazerem café-teatro. De certeza que têm muito potencial.

Clara – E avisem o vosso mandante para não voltar a arriscar tanto por um simples violino. Mesmo que fosse um Stradivarius...

Kelly e Jason preparam-se para sair.

Leo – Esperem um minuto...

Jason – O quê?

Leo – Os nossos telemóveis!

Jason devolve-lhes os telemóveis.

Jason – Posso recuperar a pistola? Emprestaram-ma...

Leo guarda a pistola.

Leo – Caiam fora antes que eu me arrependa...

Jason e Kelly saem.

Cena 3

Clara e Leo permanecem um instante como paralisados.

Clara – Já se foram mesmo?

Leo – Acho que sim...

Clara – Tenho a sensação de acordar de um pesadelo. Será que tudo isto aconteceu mesmo?

Leo – Há umas gotas de sangue no tapete...

Clara – De qualquer modo, já acabou.

Leo – Ainda podemos chamar a polícia...

Clara – Temos um concerto dentro de uma hora... Se chamarmos a polícia teremos de os esperar aqui. Vão revistar a casa a fundo. Teremos de fazer uma declaração... E a gala terá de ser cancelada.

Leo – A sala já deve estar cheia.

Clara – Sim... Teremos de devolver os bilhetes...

Leo – Em benefício de quê era essa gala, já agora?

Clara – De órfãos com doenças raras, ou algo do género...

Leo – Órfãos...? Tens a certeza?

Clara – Foi o que percebi.

Leo parece hesitante.

Leo – Mesmo assim, roubaram-nos agora há pouco! Na nossa própria casa!

Clara – Mas agora que o perigo passou...

Leo – Soas como se falasses de um tornado que acabou de passar. Foi um assalto à mão armada, Clara! Púnhamos a vida em perigo!

Clara – Sim. Mas estamos sãos e salvos. O violino está intacto. E eu dei a minha palavra.

Leo – A tua palavra? A esses dois malucos!

Clara – Tu próprio dizes: são completamente inconscientes.

Leo – Parece-me motivo suficiente para os mandar para a prisão, não?

Clara – Perdoa-os, não sabem o que fazem... Foi isso que Jesus disse sobre aqueles que o iam crucificar. Nós estamos aqui, de fraque e gravata, a preparar-nos para um acontecimento mundano...

Leo – É a primeira vez que te ouço citar a Bíblia. Preocupo-me contigo, Clara...

Clara – Não sei... Talvez esta experiência nos mude...

Leo – Admitamos que são dois irresponsáveis. Mas o mandante?

Clara – Eles nem sequer sabem quem é. Deve ser um colecionador que tomou todas as precauções para nunca vir a ser localizado.

Leo – E se voltarem a tentar?

Clara – Ainda temos a pistola...

Ele olha para a pistola que ainda sustém na mão.

Leo – É verdade, a pistola... O que vamos fazer com ela?

Clara – Podemos guardá-la, por precaução.

Leo – Estás a brincar?

Clara – Tens razão, atiramo-la ao rio.

Leo – Normalmente não são as vítimas que se desfazem da arma. Tenho a sensação de que somos nós os culpados...

Clara – Sim...

Leo – Então que fazemos?

Clara – Não sei...

Leo – Podíamos ficar com ela.

Clara – O revólver?

Leo – O Stradivarius. Dizemos à polícia que esses dois idiotas o levaram... Sem dar uma descrição precisa. Ninguém sairia prejudicado...

Clara – Excepto a companhia de seguros...

Leo – Ah, as seguradoras... Os verdadeiros ladrões, não é?

Clara – E o que faríamos com ele?

Leo – Vendê-mo--íamos!

Clara – A quem? Iriam localizar-nos de imediato.

Leo guarda a pistola.

Leo – Então ficamo-nos com ele. Será o nosso segredo. Podes tocá-lo às escondidas, só para mim... Não sei porquê, já me está a excitar... Ou será adrenalina... Sabes, Eros e Tânatos...

Ela olha para ele, atónita. Mas o telemóvel dela toca, e ela atende.

Clara – *Sim...? Ah, sim, boa noite... Sim, claro... Sim, sim, tudo bem... Não se preocupe, já vamos a caminho... Há um pouco de trânsito, mas chegaremos a tempo... Está bem... Até já...*

Ela guarda o telemóvel.

Leo – Já vamos a caminho...?

Clara – Pego na minha mala e vamos...

Leo – Para onde?

Clara – *Para dar o nosso concerto!*

Leo – Como se nada tivesse acontecido?

Clara – Aseguro-te que, se chamarmos a polícia, só nos trará complicações. Haverá que justificar-nos... Podem até desconfiar de ti.

Leo – Desconfiar de mim? Eu? De quê?

Clara – De que o organizaste tudo tu mesmo. Afinal, foste tu quem foi buscar o violino. Não fui eu...

Prepara-se para sair.

Leo – E se fosse o Tiago...?

Clara – ¿Tiago?

Leo – O mandante.

Clara – Estás louco...

Leo – Sabia toda a nossa agenda. Conhece a casa. É capaz de distinguir entre o teu violino e um Stradivarius. E talvez até possa encontrar um colecionador a quem o revender...

Clara – Estás delirante, Leo... Isto é ciúme?

Leo – Espera... E se tu fosses cúmplice dele...?

Clara – O quê?

Leo – Explicaria a tua insistência em não avisar a polícia.

Clara – Estás completamente louco...

Leo – Ias fazer um novo começo com esse dinheiro. As coisas correram mal com aqueles dois idiotas, e preferes enterrar o assunto.

Clara – Mas tu os viste, não me conheciam!

Leo – Provavelmente não te conhecem mais do que conhecem o Tiago. É a regra neste tipo de roubos: o mandante permanece nas sombras. Na maioria das vezes nunca é encontrado, e só os executores acabam na prisão.

Clara – Lês demasiados policiais...

Leo – Não faz sentido? Se for mesmo o teu amante...

Clara – Bem... e então? Vais denunciar-nos à polícia?

Ele aponta-lhe a pistola.

Leo – Ou aproveito para te matar... Sempre poderia culpar aqueles dois mancos. Ninguém duvidaria da minha versão. Afinal, eu seria a vítima.

Clara – Cuidado com essa arma. O tiro pode sair sozinho, como há pouco...

Leo – O meu advogado alegará homicídio involuntário. No pior dos casos, um crime passional. Os juízes costumam ser muito indulgentes nesses casos...

Ele continua a apontá-la.

Clara – Não disseram que eram balas de festim?

Leo – Ao que parece, nem todas...

Momento de vacilação.

Clara – Acho que este teste nos aproximou, no fim de contas.

Ele baixa a arma.

Leo – A sério acreditas?

Clara – Ajuda a relativizar muitas coisas, não é?

Leo examina o violino.

Leo – É verdade que um violino a esse preço é realmente indecente.

Clara – Está claro...

Leo – Embora te queixasses da rotina...

Clara – Sim...

Leo – Ouvi o que me disseste antes, sabes...? Vamos recomeçar, sobre novas bases. Prometo-te.

Clara – Está bem... Mas agora, a sério, temos de ir.

Leo – Ok... Vamos...

Ouve-se um fragmento de violino.

Clara – Não te esqueças de levar o Stradivarius.

Ele pega no violino.

Leo – A propósito, ainda não me respondeste...

Clara – A quê?

Leo – O Tiago... é mesmo o teu amante?

Olham-se fixamente, nos olhos.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).
É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :
https://comediatheque.net

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-378-1

Documento para download gratuito